

Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Pseudo-subversão feminina em *O escravo*, de Carolina Maria de Jesus

Pseudosubversión femenina en *O escravo*, de Carolina Maria de Jesus

Pseudo-subversion by women in *O escravo*, by Carolina Maria de Jesus

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Ângela Viana de Sousa Silva¹
Instituto Federal do Piauí, Brasil
angela20241004276@alu.uern.br

Eliana Pereira de Carvalho²
Universidade Estadual do Piauí, Brasil
elianapereira@pcs.uespi.br

Resumo: Carolina Maria de Jesus foi uma escritora que denunciou, em seus textos, as discriminações raciais, sociais e tantas outras desigualdades destinadas às pessoas que sobreviveram/sobrevivem com a miséria e às margens da sociedade. Ainda que ela determine os espaços físicos em suas obras, o contexto no qual insere suas personagens se conecta a perfis sociais que conviveram com a autora inspirando e/ou moldando o processo de construção, ao mesmo tempo, da autora e da escrita. Para compreender como se deu esse processo, este artigo tem como objetivo investigar a construção das personagens em *O escravo*, romance inédito publicado em 2023. Nele discutiremos sobre as disputas travadas pelas personagens femininas em locais marcados pela colonialidade de poder. Esta pesquisa será conduzida por perspectivas pós(des)-coloniais alicerçadas em Quijano, Bhabha, Collins, Figueiredo. Ao fim destas discussões, concluímos que a escritora, por meio das personagens femininas, subverte o sistema patriarcal e se apresenta como um modelo de resistência, rompendo com o silêncio a ela imposto, ao mesmo tempo em que produzia uma narrativa desconstrutiva de práticas universalizadas e eurocêntricas, exigindo para si o conhecimento e uma experiência de vida que desafiaram o cânone literário dominante de uma escrita romanesca urbanizada, centralizada e embranquecida.

1. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (Doutorado) da Universidade do Estado Rio Grande do Norte, Brasil. Mestre em Letras, concentração em Estudos Literários, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Educação Técnica e Tecnológica (IFPI). ORCID: 0000-0001-7526-3743

2. Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus CAMEAM, em Pau dos Ferros-RN. Mestre em Letras, concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e professora da Educação Básica pela SEDUC-PI. ORCID: 0000-0002-8974-2400

Palavras-chave: literatura negra brasileira; Carolina Maria de Jesus; colonialidade e representação literária; revisão crítica.

Resumen: Carolina María de Jesús fue una escritora que denunció, en sus textos, las discriminaciones raciales, sociales y tantas otras desigualdades destinadas a las personas que sobrevivieron/sobreviven con la miseria y a los márgenes de la sociedad. Aunque ella determina los espacios físicos en sus obras, el contexto en el cual inserta a sus personajes se conecta a perfiles sociales que convivieron con la autora inspirando y/o moldeando el proceso de construcción, al mismo tiempo, de la autora y de la escritura. Para comprender cómo se dio ese proceso, este artículo tiene como objetivo investigar la construcción de los personajes en *O escravo*, novela inédita publicada en 2023. En él discutiremos sobre las disputas trabadas por los personajes femeninos en locales marcados por la colonialidad del poder. Esta investigación será conducida por perspectivas pos(de)coloniales fundamentadas en Quijano, Bhabha, Collins, Figueiredo. Al final de estas discusiones, concluimos que la escritora, por medio de los personajes femeninos, subvierte el sistema patriarcal y se presenta como un modelo de resistencia, rompiendo con el silencio a ella impuesto, al mismo tiempo que producía una narrativa deconstructiva de prácticas universalizadas y eurocéntricas, exigiendo para sí el conocimiento y una experiencia de vida que desafiaron el canon literario dominante de una escritura novelística urbanizada, centralizada y emblanquecida.

Palabras clave: literatura negra brasileña; Carolina Maria de Jesus; colonialidad y representación literária; revisión crítica.

Abstract: Carolina Maria de Jesus was a writer who denounced, in her texts, racial discriminations, social inequalities, and so many other disparities faced by people who survived/survive in misery and on the margins of society. Although she defines the physical spaces in her works, the context in which she places her characters connects to social profiles that coexisted with the author, inspiring and/or shaping the process of construction of both the author and her writing. To understand how this process occurred, this article aims to investigate the construction of characters in *O escravo*, an unpublished novel published in 2023. It discusses the disputes waged by female characters in places marked by the coloniality of power. This research is conducted through post(de)colonial perspectives grounded in Quijano, Bhabha, Collins, and Figueiredo. In the end, we conclude that the writer, through her female characters, subverts the patriarchal system and presents herself as a model of resistance, breaking the silence imposed on her while producing a deconstructive narrative of universalized and Eurocentric practices, demanding for herself knowledge and life experiences that challenged the dominant literary canon of urbanized, centralized, and whitened novelistic writing.

Keywords: Brazilian black literature; Carolina Maria de Jesus; coloniality and literary representation, Critical review.

A escritora e sua diversidade literária

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) ficou conhecida por relatar, em seus diários, romances, contos e provérbios as desigualdades sociais que fazem parte da vida daqueles que estão às margens da sociedade sem acesso à escola, ao lazer, a uma profissão digna, a uma alimentação saudável e, por essa razão, são lançados à própria sorte. A fome talvez seja o selo que certifica a escritora como aquela que lutava, diariamente, pelo “pão de cada dia” para sobreviver, assim como era a principal fonte de inspiração para a sua escrita.

Na escrita de Carolina, o impacto social e político ultrapassa o gênero relato ao se transformar em literatura de testemunho, ao passo que “inscreveu, pela primeira vez, a voz da mulher negra em primeira pessoa, até então invisibilizada na literatura brasileira” (Figueiredo, p. 13), narrando com detalhes as condições de vida dos moradores da favela, evidenciando fragmentações e desigualdades na sociedade brasileira. As ações de Carolina ganharam visibilidade porque ela foi capaz de romper, na década de 1960, com o silêncio imposto às mulheres negras na literatura ao registrar sua experiência como mulher negra, mãe solo e catadora de papel. Com isso, transformou sua vida a partir da “escrevivência” (Evaristo, p.), reivindicando não só para si, como para todas as mulheres negras o direito à palavra e à reflexão filosófica, abrindo assim caminhos para escritoras que se encontravam em condições semelhantes à dela.

Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), sua obra mais conhecida nacional e internacionalmente, instaura à escritora um legado e um reconhecimento atemporal. Seu *Diário* (1960) foi traduzido em vários idiomas e publicado em diversos países, permitindo à autora uma projeção internacional e transmitindo a todos a ação transformadora da escrita, que pode atuar, também, como ferramenta de resistência. Suas reflexões literárias, ainda que contraditórias, apresentam identidades fragmentadas que resistem ao sistema de opressões de uma estrutura capitalista patriarcal e racista.

Quanto à escrita de Carolina Maria de Jesus ser ou não literária, consideraremos a perspectiva de Terry Eagleton. Ele define literatura como “escrita imaginativa, no sentido de ficção” (*Teoria...*, p. 1), empregada de forma peculiar. Afirma também, ser a literatura “uma reflexão sobre a realidade social [...] podendo ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita como aquilo que a escrita faz com as pessoas” (*Teoria...*, p. 22). A partir de tal definição, o autor deixa claro a não praticidade da literatura e de sua referência apenas ao estado geral das coisas, não podendo, portanto, ser definida de forma objetiva. Assim sendo, a

literariedade de um texto não se encontra apenas no texto em si, em suas origens nem nas intenções do autor, mas também, e principalmente, na forma como esse texto será interpretado por cada sujeito.

Com os diários *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Diário de Bitita* (1986), *Meu estranho diário* (1996), Carolina Maria de Jesus fez uma representação da favela como cenário marginalizado onde a fome, a precariedade, o abandono e a exclusão social são elementos transformados em revolta, denúncia e crítica social, como também demonstrou a hostilidade dos que habitam a “sala de visita”. Este é o termo que a autora usa para denominar aqueles que vivem na cidade e que se sentem incomodados quando os das favelas conseguem adentrar tal espaço, como foi o caso de Carolina Maria de Jesus, após a publicação e popularidade do livro *Quarto de despejo* (1960).

As primeiras pesquisas sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus foram feitas de forma colaborativa pelo brasilianista Robert M. Levine e pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy. *Meu estranho diário* (1986), *Antologia pessoal* (1996) e *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (2015) apresentam resultados de seus esforços e dedicação para investigar como se deu o processo de escrita literária de Carolina por meio de entrevistas realizadas com pessoas que tinham relações de convivência com a escritora. Esses textos contribuem para análises englobando tanto os textos quanto a escritora e suas diferentes manifestações comportamentais.

A análise que iniciaremos tem como objeto de investigação *O escravo* (2023), publicação mais recente de um romance escrito por Carolina Maria de Jesus. Nosso objetivo é discutir sobre as disputas travadas pelas personagens femininas em locais marcados pela colonialidade de poder, conceito cunhado pelo sociólogo peruano Anibal Quijano. Esse termo se associa ao colonialismo, fenômeno que se originou juntamente com o de modernidade, advindo da centralidade mundial em torno da Europa, dotada, segundo os europeus, da racionalidade capaz de alçar o mundo à maioria. A modernidade concentra-se na dominação da Europa que, para justificar a sua dominação sobre os não-europeus, estabeleceu uma falaciosa justificativa, a ideia de raça. Com isso, a hierarquização das raças se torna a forma como a Europa irá subjugar outros povos, colonizando-os e escravizando-os em nome de uma missão civilizatória, cujo desenvolvimento e progresso era exclusivo dos europeus.

Antes de nos determos nas personagens femininas da obra *O escravo* (2023), de Carolina Maria de Jesus, verificando como a colonialidade de poder se conecta com tais personagens, revelando as estruturas raciais e patriarcais remanescentes do colonialismo europeu, falaremos um pouco sobre a obra analisada, trazendo consigo

a segregação social e o encarceramento dos personagens, em especial do personagem Renato. Para uma melhor compreensão da obra, faremos a decomposição do livro em tópicos explicativo-teóricos.

O escravo, a obra

Publicado em 2023, pela Editora Companhia das Letras, o romance foi retirado dos manuscritos originais e sua escrita mantém-se inalterada, conservando todos os estilos literários da escritora. É considerado por Denise Carrascosa (2023) um romance proverbial, gênero textual inaugurado por Carolina Maria de Jesus, que se faz presente em todas as suas produções.

Organizado pelo *Conselho Editorial*, a obra foi coordenada por Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus (filha de Carolina), com prefácio de Denise Carrascosa e posfácio de Fernanda Silva e Sousa. A nota sobre a edição se inicia justificando que “a publicação do romance amplia para pesquisadores e pesquisadoras e para o público em geral o projeto literário de Carolina Maria de Jesus, uma autora múltipla, que por anos ocupou o imaginário de leitoras e leitores pela via única dos diários” (Jesus, p. 7).

É importante ressaltar que esse projeto traçado por Carolina Maria de Jesus foi negado pela crítica literária por um longo período, ainda que em cada romance ela tenha desenhado personagens planas ou redondas, que contribuem para a evolução da narrativa. Essa evolução é perceptível a partir do momento em que algumas personagens invertem essa classificação, comprovada a partir das representações de Renato, de Rosa e de Marina. Para Angélica Soares,

As personagens de uma narrativa, segundo E. M. Forster, podem ser caracterizadas apenas por um traço básico e cortar-se sempre da mesma maneira (personagens planas ou desenhadas, que tendem à caricatura ou se tornam tipos) ou podem ter seu retrato e sua atuação complementados e modificados no decorrer da narrativa (personagens redondas ou modeladas) (p. 49).

O título do romance sugere a escravidão de um homem em si. Mas quem seria esse escravo tão merecedor da atenção de Carolina Maria de Jesus, uma vez que para ela, apenas o Sócrates Africano – seu avô – foi digno de sua admiração e respeito? Essa resposta só será possível com a leitura do romance, que inicia narrando a história de dois primos que se apaixonam e fazem juras de amor eterno.

Na trama, Pedro e Rosa, que aparece já falecida no início, possuem cinco filhos: Roberto e Maria Helena, além de outras três irmãs menores³. Maria Helena se casa com Raul que concebem Rosa como filha. O nome provavelmente é uma homenagem a avó falecida. Roberto, por sua vez, casa-se com Maria Emília e os dois vão conceber Renato como filho. Renato e Rosa, protagonistas do romance, são, portanto, primos. Adiante, Marina e Joel aparecem na trama e nas vidas de Renato e Rosa, respectivamente.

O escravo (2023) narra a história de dois primos que se apaixonam na infância, fazem promessas de se casarem e constituírem uma família feliz, porém há uma desigualdade social no meio do caminho, pois, Renato, protagonista do romance, pertence a uma família abastada liderada e dominada por sua mãe Maria Emilia. A relação entre mãe e filho remete a padrões valorizados por Carolina ao mesmo tempo em que apresenta as fragilidades que habitam o homem, gênero considerado superior aos demais por ser caracterizado como forte, ágil e, moralmente ético em suas decisões e ações.

Em seu livro *A crise da masculinidade: Anatomia de um mito persistente*, Francis Dupuis-Déri, ao discutir sobre a masculinidade ao longo das décadas, afirma que

um consenso nos estudos sobre masculinidades produzidos no Brasil é o de que um determinado tipo de masculinidade, heteronormativa hegemônica, funcionaria como a configuração atual da prática que legitimaria a posição dominante dos homens na sociedade e que tenderia a justificar a subordinação das mulheres e de outras formas marginalizadas de ser e de estar homem (p. 18).

Ao longo da narrativa, seremos induzidos a acreditar que Renato é um decidido. Mas, na verdade, estamos sendo enganados majestosamente. Renato, que inicia o romance como um homem fiel a seus princípios, passa a ter os princípios da mãe como justificativa para mudanças de atitudes inesperadas, que afetam todas as demais personagens femininas. Com essa nova identidade, a fragilidade masculina será evidenciada pela autora sem deixar escapar nenhum detalhe acerca da condição do homem quando ele deixa de ser dominante e passa a ser dominado. Essa nova postura se apresenta quando a personagem masculina foge da realidade por não conseguir lidar com os conflitos.

O romance se inicia descrevendo as angústias de Maria Helena, que tem seu curso de vida modificado por causa da morte de sua mãe, Rosa. Prestes a fazer

3. As três irmãs aqui mencionadas não ganham destaque no romance e as narrativas quanto suas ações são desconexas.

quinze anos, a moça teve que interromper seus estudos para assumir responsabilidades, antes atribuídas à sua mãe, como cuidar dos três irmãos mais novos,⁴ da casa e da alimentação da família, ainda que não soubesse cozinhar. Era repreendida pelo pai, Pedro, que endividado, não admitia jogar comida fora por excesso de sal. Roberto, irmão de Rosa, também não pode sequenciar seus estudos porque precisou trabalhar.

As dificuldades enfrentadas pela família são superadas pela dedicação de Maria Helena, que realiza as atividades domésticas com perfeição e pela integridade de Pedro e de Roberto, que mantém o lar, financeiramente. Em uma conversa com seu pai, Pedro confessa:

— Sabe papae, eu estou tão contente com a minha vida! Tem pessoas que acha o mundo ruim. Mas, eu sinto não poder dizer o mesmo! Sabe papae! O que auxilia um homem vencer na vida não é a sorte como pensam muitas pessoas. Na minha opinião, o que auxilia o homem é a integridade⁵ (Jesus, p. 33).

Integridade é um dos valores presentes nas personagens que sofrem com as desigualdades sociais e que precisam se perseverar na vida honestamente. Em resposta ao filho, Pedro faz um elogio reforçando o que ele disse: “— Muito bem meu filho! A integridade é uma escada que conduziu o homem até o último andar do céu” (Jesus, p. 33). Para Carolina, ser pobre não é um problema quando ideias e ações nobres conduzem as pessoas, assim como o sofrimento é necessário para se alcançar o sucesso desejado.

Em situações de sofrimentos, desigualdades, injustiças, discriminações e tantas outras que presenciamos em *O escravo* (2023), a autora utiliza um jogo de palavras semelhante a conselhos, orientações de como ser resiliente perante as oportunidades proporcionadas pela vida. Ela também condena aqueles que possuem a capacidade de fingir para alcançar seus objetivos, como fez Maria Emilia ao se apresentar doce e meiga à família de Roberto – presenteando as futuras cunhadas – antes de se casar com ele – e arrogante depois do nascimento de Renato:

Roberto pretendia convidar o seu pae para ser o padrinho de Renato. Não manifestou-se porque sabia que Maria Emilia ia protestar. [...] Maria Emilia não dispunha de tempo para ir visitar o seu pae. O seu núcleo era outro. Dava preferências aos ricos. Compareceu ao casamento de Helena com Raul por formalidade. Demorou o menos possível (Jesus, p. 37).

4. Essa informação é contraditória, pois no início da narrativa foram informados cinco filhos, sendo Maria Helena, a filha mais velha.

5. As citações utilizadas neste artigo estão de acordo os registros presentes nos manuscritos do romance *O escravo* (2023). A escrita de Carolina Maria de Jesus difere da norma padrão da língua portuguesa do Brasil.

Considerando a afirmação feita por Levine (2015) acerca da escrita maniqueísta de Carolina Maria Jesus, a citação transcrita acima nos insere em um dos extremos que há no romance: o núcleo das pessoas ricas que caracterizam a burguesia sem refinamento” (p. 44). O outro extremo será identificado por aqueles que se conformam com o pouco ou com o nada que tem e ainda agradecem a vida simplista que levam. O elo que liga os dois núcleos centra-se na atuação, ao que tudo nos leva a crer, do Sócrates Africano, avô de Carolina, representado pelo senhor Pedro, avô de Renato e de Rosa e confirmado a partir do diálogo entre Renato e Maria Emilia.

— O vovô é tão bom! Recebe-me tão bem. E eu, não pretendo dêixar de vir aqui. A nossa amisade não pode côartar-se. É por seu intermédio que eu estou no mundo. O vovo é nosso tronco. O vovô envelheceu sem transviar-se. E eu pretendo trata-lo bem porque sou o seu unico néto. Ele tem tanta experiência de vida e eu gosto de ouvi-lo falar do seu passado. Maria Emilia, olhou o seu sogro com desdem e disse: — Tambem nesta idade, quem não conseguiu fortuna deve ter conseguido sapiência (Jesus, p. 41).

A admiração que Renato tem pelo avô é motivo de discórdia entre ele e seu pai, Roberto. Ao afirmar que quer ser como o avô, dono do seu lar e não se casar com mulher rica, porque ela predomina, o pai entende como uma advertência, que chegou muito tarde, pois,

Se você está recriminando-me eu era insensato quando casei. Os incientes, são os que erram na vida. Eu não tinha noção de que a mulher rica prevalece. Fitou o rôsto jovem de seu filho. Você ha de classificar-me um fraco. Quando um homem casa com uma mulher atrabiliaria ritira a sua imagem do pensamento, e vae vivendo com ela, por formalidade (Jesus, p. 43).

Roberto não consegue e não quer contrariar sua esposa, ainda que estivesse cansado da vida de diretas e de indiretas. Constantemente questionava a sua existência no mundo e desistiu facilmente de sua família, porque pertencia a uma classe diferente classificada por Maria Emilia como “antagónica e chumbo, vis-a vis com o diamante” (Jesus, p. 44). Com Renato não foi diferente. O afeto que possuía pela família paterna e pela simplicidade em que eles vivem é rejeitado por sua mãe. O casamento com Rosa, sua prima, não acontecerá, pois, as promessas feitas a ela por ele, Renato, não serão cumpridas.

Sabendo das intenções de Renato para com Rosa, Maria Emilia busca formas para desqualificá-la diante do filho ao ironizar a ocasião em que a sobrinha ganhou um lindo casaco: “Também você para possuir um casaco, so assim. Porque é uma funcionária. O que ganha não dá. E pelo que vejo você aspira infiltrar-se na sociedade. E porisso fica farêjando o rosto de Renato (Jesus, p. 46). As palavras de

sua tia soaram como uma ameaça à sua união com Renato, uma vez que ela, Rosa, “queria levar uma vida decente, isenta de sacrifícios. E se eu me casasse, com o Renato? Os meus desejos havia de ser concretizado” (p. 47). Para evitar a união dos primos, Maria Emilia atrasou as mesadas que dava ao filho, pois sabia que ele a dividia com Rosa.

A relação mãe e filho foi ficando cada vez mais tensa por causa das imposições estabelecidas por Maria Emilia a Renato. Em uma das tantas discussões entre os dois, o filho confessa “ando tão nervôso que estou com vontade de arranjar um emprego, e residir numa pensão, e estudar a noite. Tem hora que eu chego a invejar a vida dos orfos” (p. 56), mas a atuação frágil de sua mãe é levada em consideração por ele, que sai de casa e retorna feliz porque foi aprovado em todas as matérias e foi elogiado pelo professor e por ter realizado um dos desejos de sua mãe: formar-se médico.⁶

Agora formado, em mais uma discussão com sua mãe, Renato informa que começa a “antépatisar com esta casa. Porque a senhora interfere-se em tudo tenho a impressão que sou acionado. Estamos na época dos motores e a senhora e um motôr nos impelindo” (p. 61). Ele está certo, pois a escolhida para se casar com ele foi a arquimilionária Marina, “da alta sociedade. Seu pae tem varios edificios.”⁷ Não é pelada igual a sua prima” (p. 48). Marina contribuirá para a progressão da narrativa, tornando-se o oposto de Rosa, que vive idealizando um futuro ao lado de Renato. É possível compreender *O escravo* (2023), sob a perspectiva de Silviano Santiago, como o abandono de uma escrita literária linear para compreendê-la como uma necessidade de evidenciar a inversão de valores “que definem os grupos em oposição e, talvez, questionar o próprio conceito de superioridade” (p. 10), muito valorizado e sempre associado a bens materiais e monetários.

O domínio de Maria Emilia retoma não só o domínio do colonizador, mas também a necessidade de inferiorizar aqueles que não possuem moeda de troca e aceitam a sua condição de subalternização. Tais impressões podem ser interpretadas como a imitação da realidade da autora transformadas, parcialmente, em romance, sendo ela a dominada. E qual seria, nesse contexto, o papel de Carolina Maria de Jesus como uma artista que deveria se manter fiel à escrita dos *Diários*?

Não temos respostas para tal questionamento, porém, sabemos que a escritora em discussão rompeu com a determinação de uma escrita única e produziu textos diversos. Ressalta-se que esse atravessamento não foi positivo aos olhos dos predominadores. Ela saiu do espaço a ela determinado e invadiu outros de seus desejos.

6. Renato não se forma em médico, mas em farmacêutico.

7. Não há, no romance, referências sobre o pai de Marina, somente sua mãe é mencionada em várias passagens.

Assim, acreditamos que os romances da autora seriam a voz da subalterna que não pôde falar quando quis, mas que fala hoje pela força e pela abrangência de suas palavras escritas em folhas avulsas – recolhidas do lixo – e hoje, impressas em folhas brancas de algumas editoras.

N'*O escravo* (2023) o patriarcado cede lugar ao matriarcado. A figura feminina será determinante do início ao fim. De Maria Helena a Maria Emília; de Rosa a Marina, essas mulheres, esféricas ou planas, conduzem as tramas e os dramas vivenciados pelas personagens masculinas, anulando suas forças de controle econômico e social, revelando que “as formas de rebelião e mobilização popular são frequentemente mais subversivas e transgressivas quando criadas através de prática culturais oposicionais” (Bhabha, p. 44). Ousamos afirmar que essa interpretação sugere persuadir ao leitor a refletir conforme Culler (p. 69), que “o sentido de obra é simultaneamente uma experiência de um sujeito e de uma propriedade do texto. É tanto aquilo que compreendemos como o que, no texto, tentamos compreender”.

Maria Helena, Maria Emilia e Rosa: modelos de mulheres perfeitas?

Maria Helena e Rosa se opõem a Maria Emília e Marina não só nas atitudes. Elas são submissas e buscam seguir, obedientemente, às ordens e modelos sociais já estabelecidos para o gênero feminino. Claramente, Maria Helena imita ações realizadas por sua mãe e a tem como modelo a ser seguido. E, o que sabemos sobre a mãe de Maria Helena são proferidas por seu pai em uma conversa com seu filho, Roberto, quando este informa que irá se casar.

A tempos eu disse isto, referindo na tua mãe. E a mulher que entrar na vida de um homem, deve entrar igual um anjo. Porque entrar igual ao diabo, não da certo. O meu lar foi um lar tranquilo, tua mãe, presou-me. Não pôis outro homem por cima de mim. Quando eu casei, eu era indolente. Depois eu fui percebendo que a tua mãe era bôa, comecei trabalhar com denodo e assiduidade. As sugestões para comprar algo, partia de mim. Porque a tua mãe, não era exigente. A sua mãe não escravizou-me (Jesus, p. 33).

— Eu gosto da minha filha! Ela é a copia fiel de minha saudosa esposa. Ela não sabia protéstar. Obedecia-me sempre. Ela nunca respondeu-me. Presava os meus desejos. Estava sempre contente. Demonstrando que apréciava a minha companhia (Jesus, p. 35).

Essa visão está diretamente entrelaçada à crença da escritora de que, cabe à mulher edificar seu lar. Dessa forma, naturalmente, ela deve possuir habilidades domésticas como cozinhar e cuidar, com muita dedicação do lar, do marido e dos filhos do casal. Assim, foi a mulher de senhor Pedro, sua filha Maria Helena e assim

será, sua neta Rosa. Todas elas sem exigências. Todas elas representam, no romance, a estrutura sólida da constituição da família nuclear. E Rosa não tem outro propósito para a vida que não seja o casamento com seu primo Renato.

— Eu sonhei que você estava colocando aliança no meu dedo. E eu, fiquei tão contente, quando eu ia dar-te um bêijo despertei. — O teu sonho vae realizar! Se te da prazer ser minha esposa! — É claro que eu quero-te para sempre. Mas, o nosso desejo não vae realizar. Porque eu ouvi dizer que quando sonhamos que estamos recebendo aliança do homem amado ele nunca nos conduzirà aos pés do altar (Jesus, p. 64).

Desejo, superstição e decepção se unem nos sonhos de Rosa. Ela sabe que o amor entre os dois não será suficiente para que o casamento aconteça. Alguns fatores contribuem para isso. Primeiro, o amor entre os primos surgiu na infância. O afeto sela um amor idealizado e valorizado a partir de comportamentos modelados para as mulheres, que devem ter como objetivo servir ao marido e obter “formação profissional” para isso, como estudar corte e costura.

Renato e Rosa são leais um ao outro. Entretanto, a configuração amorosa que Carolina Maria de Jesus insere em Rosa não é estática, pois ela, ao representar outras mulheres “é induzida a pensar e agir em favor dos dominadores. [...] não age de forma livre e consciente, age sob o efeito das formas prescritas pelo poder, disseminadas e inscritas em seus corpos (Figueiredo, p. 19). Essa afirmação está materializada pelas vozes masculinas e femininas. Acrescenta-se as essas vozes a certeza de uma recompensa, se tudo for realizado seguindo as normas estabelecidas moral e socialmente.

— Domingo eu venho almoçar aqui, e você é que vae preparar o almoço. Quero ver se voce sabe cosinhar. Depôis que eu me formar pretendo casar-me com você e quero ir conhecendo tuas habilidades. Um homem sabendo que a mulher que ele vae casar-se é caprichósa, ele em vez de dar-lhe um chalé, da-lhe, um palacête (Jesus, p. 42).

O palacete prometido é o desejado por Rosa. Desejo que não será concretizado, ainda que todos saibam que Renato propaga a informação de que está noivo de Rosa e que se casará com ela quando montar seu consultório. Essa informação causa cólera em Maria Emilia por acreditar que seu filho “é acanhado e timido. Tem reção de namorar outra môca e apegou-se na prima porque a amizade de vocês vem da infancia. Com ela você se expande” (Jesus, p. 67). A ideia fixa de Renato faz com sua mãe tome atitudes protetivas contra Rosa e sua família.

Carolina Maria de Jesus não se cansa de apresentar as oposições entre as duas famílias. Renato consegue fazer essa demonstração de forma muito assertiva. É por

meio dele que as características entre o bem (Maria Helena) e o mal (Maria Emilia) são identificados. Para o núcleo de Maria Helena, a harmonia e o bem-estar se fazem presentes porque são submissos, obedientes e incapazes de ascender socialmente. Para o núcleo de Maria Emilia o que importa é poder e o sucesso profissional, que só será possível se Renato casar-se com Marina.

No contexto familiar ficcionado por Carolina, entendemos as intenções de Maria Emilia e até concordamos que ela queira o melhor para o seu filho. Entretanto, esse “querer bem”, tende a excluir as pessoas com quem ele gosta de estar e coisas que gosta de fazer. As ações de Maria Emilia contribuem para a ausência de afeto de Renato por ela, fortalecendo ainda mais os sentimentos dele por sua tia, Maria Helena.

— Você já jantou-se?

— Já. Na casa da titia. Ela prepara uma refeição com tanta rapidêz que me dá a impressão que ela é deçendente de relampago. Para mim, ela, é uma mulher de ferro. Muito diferente das mulheres de porcelanas que eu vêjo por aí. Ela, está sempre alegre. É porisso que o tio Raul não envelheçe. Ele não sabe o que é tristêza! — Eu guardei janta para você. — Atalhou Dona Maria Emilia para por um ponto final nos êlogios de Renato referindo-se na tia. Pensou: Ela, é quem ocupa lugar proeminente no coração do meu filho. Mas ele, é meu filho, ele, tem que gostar e de mim que sou sua mãe (Jesus, pp. 67-68).

Consciente de que não possui o afeto do filho, Maria Emilia tenta alertá-lo de que a tia o agrada porque reconhece que ele “é uma isca de ouro” e possui bens materiais, além de ser único herdeiro de uma família rica. É impossível não perceber a contradição de Carolina Maria de Jesus quanto à constituição das personagens femininas no romance em análise. A condição social de cada uma é o que define seu caráter.

A importância da mulher como mãe e como modelo de mulher perfeita é descrito por Carolina seguindo suas experiências maternas, exercidas tanto pela maternagem como pela maternidade. Em seu contexto, ser mãe foi realidade, mas a maternagem não surgiu como instinto, mas como um trabalho que demanda tempo, atenção e afeto, pois lança aos filhos e às crianças de sua comunidade o olhar amoroso. De acordo com Emidio o ideal da maternidade é condicionado à mulher desde o princípio da humanidade e permanece até hoje nos mais diferentes tipos de sociedade. Esse ideal é perceptível tanto em Maria Helena, como em Maria Emilia e em Rosa.

Patrícia Hill Collins afirma que durante o processo de escravização

a maternidade como instituição tem um papel especial na transmissão de valores às crianças quanto a seu devido lugar. Por um lado, as mães podem alimentar a opressão de suas filhas e seus filhos se os ensinar a acreditar na sua própria inferioridade. Por outro, a relação entre mães e filhos pode servir como esfera privada na qual se aprendem culturas e formas cotidianas de resistência (p. 108).

O pensamento de Collins corrobora com algumas das pesquisas relacionadas ao feminismo negro, onde se localiza Carolina Maria de Jesus, apontando que, sob regimes escravistas e pós-escravistas, mulheres negras acumularam não só a função de mãe, mas também de cuidadoras de seus filhos e dos filhos de outras mulheres em condições de abuso e de desumanização.

O distanciamento que havia entre Renato e Maria Emilia fez com que a casa de Maria Helena fosse o porto seguro para Renato. Era lá que ele recebia os amigos. Apresentou Joel à família do avô. Joel, por sua vez, fez da família do senhor Pedro, a sua família e passou a visitá-la todos os dias.

- Passei uma tarde agradável na casa de tua tia. Que mulher prestimosa! Ela vae lavar as minhas roupas. A tua noiva é um amôr! Da para perceber que você vae ser feliz. Posso ir no seu carro para a escola?
- Pode! Eles fôram conversando. Joel dizia:
- Conhecendo tua tia, fiquei reanimado. Gostei do teu avô. Com suas barbas nívias sua cabeça reluzente pela ausência dos cabelos. O teu tio é tão calmo, está sempre sorrindo, parece que não conhece aborrecimentos na vida.
- Eu sêi, eu sei. Atalhou Renato, a vida da titia não tem os transtôrnos que tem na minha. Joel deu uma risada (Jesus, p. 75).

Ao mesmo tempo em que Maria Emilia reforça o desejo de que Renato se case com Marina, ele vai ficando impaciente; Joel se aproxima de Rosa e de sua família, criando um laço afetivo que vai crescendo a cada dia. A amizade de Joel com Rosa anima a mãe de Renato, pois ele não o vê como ameaça ao relacionamento com sua prima, mas, é desejo de Joel encontrar uma noiva igual a de Renato.

Marina e as convenções sociais

Antes de analisar o perfil de Marina, faz-se necessário informar que ela será a única mulher a se destacar profissionalmente no romance. Sem a companhia do marido, ela viajará pela Europa fazendo sucesso como cantora, o que a colocará contra as convenções sociais da época. Isso se dá porque a autora estabelece como um modelo social aceitável as atitudes masculinas e o elo que os une na narrativa.

Carolina atribui honestidade, lealdade e honra ao núcleo masculino, tendo como modelo a figura do senhor Pedro. Ao expor tais características, a escritora reforça a imagem de submissão da mulher aos sistemas patriarcalista e colonial. Dessa forma, Marina se encontrará em situações em que a presença do homem será essencial, mas ela estará sozinha e sentirá o desconforto de não ter o esposo ao lado.

Marina é arquimilionária, da alta sociedade, mora em um palacete, é inteligente e estudante de piano. Isso foi suficiente para Maria Emilia determinar que Renato se casasse com ela, pois ela não é pelada como Rosa (Jesus, p.). Enquanto Maria Emilia vê Marina como um raio de sol, Renato a vê como trevas e, quando o casamento é contratado contra a vontade do filho, este cai inconsciente porque já tinha decidido com a família paterna ir morar com sua tia e logo depois comparecer ao cartório para tratar dos papeis para o casamento com Rosa.

As decisões de Renato foram tomadas sem o conhecimento de sua mãe

Quando ele estava carregando suas roupas para o automovel sua mãe surgiu. Vendo seus ternos e sapatos dentro do automovel ficou furiosa. — O que ha com você? Para onde tenciona ir? — Para o céu. Quero sair deste cofre de ferro. Pelo que vêjo, você vae para a casa do meu sogro. [...] Eu vou para a casa do vovô. E vou casar-me com a Rosa. — E os estudos? — Pretendo concluir porque quem dissiste do que inicia tem que recommear algo outra vez.

Pôis bem! Você pode ir. Mas eu juro que desherdo-te. Dêixo tudo para os orfos. Eu já contratei o teu casamento com a Marina porque, porque, ela é quem é adequada para você. Tem mais cultura. A tua prima Rosa é primaria. E doméstica. Renato sentou-se no paralama com as mãos no rosto. Sua mãe continuou falando. E as palavras dela, avulumava-se dentro do seu cerebro. E ele bradou. — Ai! minha cabeça! E caiu inconciente (Jesus, p. 77-78).

A citação é longa, mas necessária para delimitar o instante em que Renato se torna escravo dos desejos de Maria Emilia. Renato deixa de frequentar a casa do avô e perde o entusiasmo com a vida, pois se sente “amputado”. Rosa adoece e é internada por causa da ausência do noivo, que não a visita no hospital. Ainda que Joel esteja sempre ao lado de Rosa e leve informações dela para Renato, ele não se anima em visitá-la.

O casamento com Marina dá início a uma nova etapa na narrativa. A partir desse episódio será possível acompanhar a redenção de Renato, que não “mais exercerá poder sobre as mulheres nem será padrão hegemônico de masculinidade e sim um alienado de sua própria humanidade” (Faustino, p. 77). Enquanto Maria Emilia se sentia feliz com o casamento de Renato com Marina, ele se sentia amputado, derrotado, vencido e desinteressado pela vida.

Apenas seu pai, Roberto, percebeu que o filho estava definhando e não se lamentava, embora suas angústias fossem visíveis. Com a mãe e a esposa sempre no seu “encalço igual um caçador acossado-o. Parece que vim ao mundo, para ser dominado pelas mulheres. Antes, era a minha mãe. Agora, é a minha esposa” (Jesus, p. 83). Dessa forma, Renato não tem dúvidas de que foi emancipado mentalmente pela mãe e pela esposa. Assim como seu pai não amava Maria Emilia e foi emancipado, mentalmente por ela, Renato não amava Marina e a cena se repetia sem que ele resistisse a ela. Aos poucos foi perdendo o interesse em terminar o curso de medicina, o amor do avô, das tias e de Rosa, que o viam como um homem predominado por mãe e esposa.

Realmente é assim que ele se sente. Esse sentimento é confirmado por Dupuis-Déri (p. 59) ao apontar a forma subjetiva no discurso da crise da masculinidade “quando os homens sentem que suas mães, cônjuges ou ex-cônjuges os dominam e quando eles sentem que a sociedade está dominada por mulheres”. Essa sensação conduz Renato a um estágio de “abalo moral” que impossibilita o término do curso porque o “mal é moral, está na alma difíceis de elimina-los porque são gerados dos fatos insolucionáveis” (Jesus, pp. 86-87).

Deste momento em diante a narrativa traz o arrependimento de Maria Emilia pelas ações dominadoras praticadas em favor do filho, acreditando que isso seria favorável à família que agora estava se decompondo, enquanto a de Rosa prosperando. O casamento com Joel, formado em medicina um ano antes de Renato e com uma clínica considerável, possibilita a construção de uma família, antes idealizada com o primo.

Carolina Maria de Jesus encontra um meio de unir a classe pobre que Maria Emília tinha pavor ao ambientá-la em sua residência para prestar serviços especializados. Para que fique mais bem explicado, Maria Emília está com Renato e Marina com a saúde frágil e, ao mesmo instante em que fica sabendo do casamento de Rosa com Joel, Marina lhe entrega um cartão com o nome dr. Joel de Castro. Ironicamente é o amigo de Renato, marido de Rosa e médico de Marina. Nas narrativas da escritora seguem, literalmente, o duelo entre o bem e o mal; a riqueza e a pobreza; a humilhação e a superação.

Maria Emília passou a perceber a altivez e arrogância de Marina. Fez comparações com Rosa e sua vida agora era de aborrecimentos, pois agora antipatizava com a nora. A situação se torna mais complicada porque Maria Emília não contou a verdade sobre a situação de Renato a Marina, que se casou com ele por arranjos da sogra e por ele ser um futuro médico, apto a oferecer uma vida de luxo e de conforto à sua esposa. Mas a indiferença de Renato com Marina a deixa debilitada e faz ela pensar em ir morar com sua mãe, Celeste, mas esta não alimenta a ideia da filha, pois, se sair da casa do marido perderá os direitos que lhes são garantidos por lei.

Marina é a única personagem feminina que atua em atividades que não são domésticas. Mas a sua independência não é explícita. Ela tenta, com muito amor, conquistar seu marido, entretanto, ele assume que ama Rosa, fazendo com que Mariana tome a decisão de voltar para a casa de sua mãe quando Renato afirma que o único desejo que tem é o de morar com a tia Maria Helena. Irritada, Marina informa: “ – Eu sei! Porque lá está a sua Deusa! Lá está a sua Rosa! Pôis bem. Eu vou-me embora! Eu não suporto tuas maneiras para comigo. Eu vou voltar para a casa de mamãe” (Jesus, p. 110).

Com medo de que Renato possa tirar a vida de Rosa e a sua, Joel vai à casa de Maria Emília e pede para que ele não permita que o filho visite a prima, pois seu estado mental está se agravando. Sem saber o que fazer, Maria Emilia conclui que a cunhada, Maria Helena, “que não visava nada na vida tinha um lar feliz. E ela foi ambiciosa, egoísta tinha um lar confuso” (Jesus, 2023, p. 113). Para surpresa de Maria Emilia, Marina foi à escola de medicina, onde Renato estuda, e descobriu que ele não vai se formar porque sofre de neurópira⁸ e que a família estava a par da situação. O desabafo de Marina evidencia, mais uma vez, convenções sociais estabelecidas e modeladoras para o comportamento das mulheres à época.

Quando dêixei a casa da mamãe, tinha a impressão que ia ser feliz. Que ia para o céu porque uma mulher quando casa, espera tudo de um homem. Eu já preparei minhas malas porque esperava por este desfecho a qualquer instante. Estão na garage é so coloca-las no carro. Deturpei a minha vida! E não era isto que eu visava. Vou ficar no mundo sem classe. Não sou viúva não sou solteira. Sou jovem e não vou poder namorar. Porque namorando alguém, ele hade pensar em construir um lar comigo. E não ha possibilidade. O casamento é um ato tão sério que o homem antes de casar-se precisa pensar seriamente (Jesus, p. 115).

O desabafo feito por Marina fez com que o pai de Renato tomasse a decisão de interná-lo em uma casa de saúde para tratar da febre nervosa causada pelas contrariedades assíduas. Como talismã, Renato levou, nos braços, um retrato de Rosa, afirmando ao médico do internato ser sua noiva. Os dias que Renato passou no internato, Marina acreditou que não mais poderia ser feliz. Incentivada por seu sogro e por sua mãe, Marina começou a tocar piano nos palcos, acompanhando os cantores. Transformou-se em artista.

8. Não encontramos definição para essa palavra, mas tudo nos faz acreditar, com base no contexto, que se trata de uma doença dos nervos, uma espécie de neurose.

Em sua vida de artista “estava ficando formosa porque era bela e aprendeu agradar os homens. E ela que iducou-se para agradar so um homem era obrigada a sorrir para todos sem classificação. Quando uma mulher vive sem um homem ao seu lado, a sua Moral fica em duvida” (Jesus, p. 138). E o sucesso de Marina se tornou conhecido e valorizado por toda a sociedade. Viajou pela Europa e por onde passava, arrancava aplausos da plateia. Como dito anteriormente, Marina possuía independência financeira, mas era dependente de Renato, pois, ainda que não vivesse com ele, era sua esposa.

Ao saber da morte de Roberto, por sintomas semelhantes aos de Renato, Marina visita sua sogra e vai com ela visitar o marido no hospital, sentiu-se ofendida com a decepção de Renato ao vê-la e não Rosa. Ela o informa que o seu sonho era ser feliz no casamento, mas como não foi possível, irá pedir o divórcio. Mas, a narrativa toma outro rumo. Marina desiste da vida artística e vai morar com Maria Emilia, na esperança de um dia consumir seu casamento. A partir de então, a vida de Maria Emilia e de Marina será de reflexões acerca de suas ações.

Maria Emilia, com a loucura de Renato reconheceu que suas ações foram ambiciosas e se assumiu culpada pela internação do filho. Acreditou que as contrariedades que ele sofreu causou danos irreparáveis. Com a morte de Roberto,

Ela estava sentindo falta do seu esposo. Reconhecia que a vida em conjunto com um homem é favorável. Porque ele encarrega-se de varios problemas da vida.

— Se uma mulher soubesse da utilidade de um homem fazia tudo para prolongar-lhe a existência aqui na terra. Porque o homem tem valôr quando está por cima da terra e não, quando reclue-se nas suas entranhas (Jesus, p. 144).

Essa submissão das mulheres ao longo da narrativa torna-se enfadonha e repetitiva ao mesmo tempo em que a valorização dos homens como essenciais à vida de cada personagem feminina faz com as marcas de uma sociedade patriarcalista, machista, moralista e colonial seja evidenciada por Carolina com grande intensidade.

E Marina, que surge como a mulher decidida, tem sua independência financeira reconhecida, mas não consegue viver sua vida sem a presença de um homem para que valide a sua feminilidade. Ao lado da sogra, ela espera a volta de Renato para fazer uma viagem ao redor do globo. Marina é cobrada como mulher por não possuir um marido. Essa ausência fez com que Marina largasse sua vida de artista e voltasse para a casa de seu marido a esperar o dia em que ele sairia do hospital para lhe dar filhos e torná-la uma excelente Rainha do Lar.

Essa era a visão de Carolina Maria de Jesus. Contradições e dualidades que não convergiam para uma mesma direção. Talvez por essa razão Audálio Dantas tenha classificado sua escrita como “tosca e acabrunhante narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida” (Dantas, p. 4) com repetições de diálogos moralistas valorizando os homens e colocando a mulher em uma posição de subalterna. Por outro lado, quando tenta colocar o homem como escravo de si mesmo, expondo as suas fraquezas ao mesmo instante em que eleva o poder da mulher, esse poder a coloca em um espaço de domínio prejudicial aos demais, porque essa mulher é rica e não sabe ser humilde. Apenas com a dor e o sofrimento, ela reflete sobre suas ações e se redime à posição de submissa a seu homem. Esse mesmo homem ao morrer, é idolatrado, exaltado e venerado. Sem ele, a mulher terá dificuldades para seguir na vida, como foi o caso de Rosa, que nunca prosperou na vida profissional.

Rosa se casou com Joel, médico, que lhe deu uma vida de luxo, seis⁹ filhos, empregadas, mas não lhe deu segurança. Depois de sua morte, Rosa volta a ser a mãe pobre que depende de outras pessoas para se sustentar e sustentar seus filhos. Algumas reflexões foram feitas para essas afirmações. A primeira delas está relacionada à morte do senhor Pedro, de Roberto e de Joel. Sendo eles exemplos de moral e bons costumes, morreram e deixaram as mulheres que deles dependiam desamparadas.

Durante a espera por Renato, Marina e a sogra faziam caridade às pessoas necessitadas. É ela quem lê a notícia do atropelamento de Joel, levando-o à morte. Vai ao hospital para demonstrar solidariedade a Rosa e a sua família. Em seguida, sem muitas explicações, Marina vai visitar Renato no hospital e ele a recebe com muita gentileza e se torna o homem desejado por ela, mas com um comportamento fortemente machista

— Oh! Marina, você ficou conversando com o médico 15 minutos! Cada minuto para mim representou um ano. E eu não dêvo amar-te porque quando eu amo, o que amo tem que ser meu. Eu quero dêixar de ser apático. Ninguém pode estacionar na vida. Você não vae provocar ciumes porque eu sou violento. Você sabe que você não mais ha de sair de casa. Quando eu chegar quero encontrar-te, porque vou precisar de você, para muitos fins (Jesus, p. 164).

Milagrosamente Renato ficou curado com umas “ingeções de Hômo, que atua na parte sexual. E ele forçosamente tem que procurar mulher” (Jesus, p. 164). Retorna para casa com sua esposa e declara o quanto “é bom saber que temos uma

9. Esse número é contraditório, pois, antes de Renato ser internado em um hospital, Rosa pariu gêmeos. Durante a internação de Renato, dois anos e meio, ela pariu mais quatro filhos. Não encontramos explicações para essa contradição.

esposa superior. Vou imitar-te. Você é o meu modelo de ouro. Fico envergonhado de ter tratado-te com indiferença. Você vae perdôar-me! Você vae olvidar tudo que te fiz sofrer. Você é bôa (Jesus, p. 165). Forçosamente a virilidade de Renato, instigada pelas injeções aplicadas pelo médico no hospital curaram Renato de todas as mazelas antes sofridas. Em nenhum outro momento da narrativa a autora deixa claro o desejo sexual entre as personagens. Tudo é idealizado e deve aguardar o momento ideal para acontecer e quando acontece, as palavras da escritora são “insuficientes” para descrever o ato amoroso de forma lírica.

O reencontro de Renato com Rosa, reacende nela os desejos do passado, causando preocupação em sua mãe, que tem medo de que os primos sejam atraídos, agora que Rosa está viúva. Renato não pode finalizar o curso de medicina, mas comprou uma farmácia e se dispôs a auxiliar a família de sua tia com o que precisarem. A filantropia de Renato é um dos reflexos valorizados por Carolina Maria de Jesus assim como um recurso eficaz para reduzir o sofrimento de quem causou mal às pessoas, como é o caso de Maria Emilia. Tudo nos leva a crer que ser filantrópico, é pagar pelos erros e maldades cometidos na vida.

A autora, ao internar Renato, não deixou que levassem a ele as informações das mortes de seu avô, de seu pai e de seu melhor amigo Joel. A fragilidade em que ele se encontrava fez com que uma parede de proteção fosse criada e nada poderia passar por ela. Ela menciona, constantemente as atribulações na vida dos homens sempre associadas ao trabalho e às suas responsabilidades com a família. Em momento nenhum ela amplia essa visão para as mulheres. Elas, as mulheres, devem estar sempre dispostas a exercer suas múltiplas atividades sem reclamar e agradecendo a bondade do avô, pai, marido, irmão, primo como elemento essencial para dar continuidade à narrativa.

São apenas os homens que reclamam de cansaço e mencionam sobre o desejo de suicídio porque acreditam que sua existência é inútil por dois motivos: não conseguir resolver problemas e pela idade avançada. Por outro lado, as mulheres, predominadoras ou não, conseguem se saírem bem diante de qualquer problema, mas sempre dependente da presença masculina. Enquanto elas são fiéis a seus homens, eles são fiéis a outros interesses. Renato continua, sem que Marina saiba, a visitar a casa da tia diariamente.

Renato dizia: que a sua profissão não lhe permitia vir almoçar no horário destinado as refeições. Ele arranjou este pretexto para ter tempo de ir onde desêjasse. Ele deixava a farmacia aos cuidados do empregado ia visitar sua tia Helena. Levava docês para as crianças que ficavam contentes sorrindo-lhe e contemplando-o com admiração e dizia-lhe: — O papae era assim! Foi o papae

quem pediu-te para comprar docês para nós? — Não. Eu compro, porque vocês são meus primos. Mas eu gostaria que envez de primos, vocês fossem meus filhos. E eu lutei, para que isto fosse realizado (Jesus, p. 177).

Mas se Renato tinha a intenção de se reaproximar de Rosa, isso não foi possível, nas primeiras visitas, pois todas as vezes que ela o via, “ocultava-se por detrás das cortinas. Observando os seus modos cativantes com seus filhos” (Jesus, p. 177). Mas as visitas diárias de Renato para jogar xadrez com o tio foi pretexto para estar sempre perto dela e escutar as reclamações do tio Raul que lamentava a existência com dificuldade. A obsessão de Renato por Rosa era cada vez maior. Agora ele sabia controlar seus impulsos. Ainda que não quisesse partir da casa da prima, quando tinha que partir, refletia

A casa onde reside-se a mulher que amamos é um verdadeiro excreto. Somos escravos de tudo que desejamos possuir. Ninguém é livre neste mundo. Há diversas espécies de escravidões. Meu Deus meu Deus! Meu Deus! Levava as mãos a cabeça como se seus cabelos lhe encomodassem. Eu não me conformo com esta inquietação interior que vai avolumando-se cada vez mais (Jesus, p. 178).

Desse momento em diante, Renato deseja ficar ao lado de Rosa. A atenção que tinha com Marina já não existe mais, pois o seu sonho era ser o marido de Rosa, por ela ter filhos e sua esposa não. Seu único objetivo é conquistar Rosa, mas se assusta com seus pensamentos. “Meu Deus! Que loucura! O que estou pensando não pode ser pôsto em prática. Se eu agir com a Rosa como estou pensando ela transforma-se em meretriz. E na nossa família, não existe estas atrizes. E a Rosa tem filhos. Tem que dar-lhes bons exemplos” (Jesus, p. 178-179). A preocupação moral em não transformar Rosa em “meretriz” ganha mais espaço em Renato do que a fragilidade de Marina que acredita que com o filho que espera, Renato vai amá-la mais do que ama Rosa. Assim, faz um apelo ao feto: “ — Eu preciso de você meu filho! E por seu intermédio, que o teu pai vai amar-me. Para ele, a mulher infértil, não é mulher. Em tudo, eu levo desvantagem com a Rosa. Ela, teve filhos duplo. E eu nenhum. Ela tem quatro filhos¹⁰ (Jesus, p. 179). Depois desse apelo, ela relembra que todos os infortúnios de sua vida se deram por causa de um casamento arranjado e sem amor. Marina muito se esforçou, abdicou de sua vida artística, mas nada adiantou. Renato era incapaz de amá-la como amava Rosa.

10. Rosa tem seis filhos.

Ao término da narrativa, Carolina Maria de Jesus, torna Renato o comandante do romance. É ele quem decide o destino de cada personagem. Embora não fique claro, mas ele mantém as visitas na casa de Rosa, dá-lhe dinheiro, cuida das crianças. Proporciona a todos eles um ambiente agradável e feliz com ajuda financeira. Maria Helena finaliza suas ações de forma contraditórias, pois ela tanto aceita o auxílio financeiro de Renato como teme o relacionamento entre os primos que, subjetivamente, já foi consumado.

Quando ele ergueu os olhos a Rosa estava na porta do quarto olhando-o. — Bom-dia Rosa!

— Bom-dia senhor Renato. Eu quero pedir-te um favôr. Se não for possível, você avisa me.

Renato abraçou-a dizendo-lhe: — Minha querida! Meu amôr, meu tesouro. Separaram-se rapidamente com reção de ser surpreendido.

Ele abriu a carteira e deu-lhe dez mil cruzeiros. — Oh! Renato. Eu não sei se dêvo açêita-lo. — Você tem filhos. E não tem quem auxilia-te. E eu posso auxiliar te, o meu sonho era cuidar de você. E você vae ser minha um dia.

Ele, apertou a mão que ela estendeu-lhe. Guardou o dinheiro no bolso agradecendo a Deus. (Jesus, pp. 182-183).

Rosa não declara à sua mãe que recebera dinheiro de Renato. Ela, não sabendo como gastar o dinheiro, sai de casa dizendo que vai vender uns instrumentos do consultório de Joel para justificar as compras em grande quantidade de alimentos que faz com o dinheiro dado por seu primo. Maria Helena fica feliz. Não ter o que comer e não ter o que calçar são as preocupações da família. Entretanto, ao descobrir a origem do dinheiro, olha fixamente para Rosa, levanta-se e vai para o seu quarto.

Conclusão

Diante de tantas dualidades, contradições que cerceiam a escrita do romance *O escravo*, percebemos os esforços de Carolina Maria de Jesus para construir personagens modelos de um sistema patriarcal e colonial. Aqueles que fazem parte do núcleo pobre, devem ser conformados e felizes com o pouco ou o nada que têm; os outros, pertencentes à elite, são arrogantes e exigem para si o melhor. Apenas Roberto e Renato, pai e filho, “encarnam as angústias ligadas à masculinidade sem que esse problema seja realmente compartilhado por homens que vivem na mesma época em que o texto foi escrito” (Dupuis-Déri, p. 59).

Afirmar que os demais homens não sofrem de angústias não os exclui do processo de escravidão em que estão inseridos todos eles. Homens e mulheres, no romance, não são livres para realizarem seus sonhos. Eles dependem de aprovações e autorizações que, na maioria das vezes, não têm.

O Brasil da década de 1950, época em que Carolina Maria de Jesus escreve a obra *O Escravo*, é assolada pela ideologia nacional desenvolvimentista, marcada por uma forte industrialização e intervenção estatal, e pelo mito da democracia racial, que negava o racismo estrutural existente, bem como a profunda desigualdade social, decorrente dos privilégios dado à população branca. A teoria do embranquecimento ainda estava fortemente presente à época, assim como o patriarcalismo era a base da sociedade, tendo em vistas que os movimentos de ruptura com o pensamento ocidental vigente só viriam na década seguinte.

Considerando-se tal cenário brasileiro e mundial, não é de se admirar que Carolina Maria de Jesus, dotada de pouca instrução educacional, não tenha sido afetada pelas normas vigentes e deixe isso impresso em sua escrita. Percebemos, a partir das discussões acerca das disputas travadas pelas personagens femininas em locais marcados pela colonialidade de poder, que tais mulheres, dentro do grupo racial em que se organizam, são separadas pela classe social a qual pertencem, mas todas são afetadas pelas normas sociais que regulamentam o gênero feminino, determinando suas performances enquanto mulher.

O patriarcalismo, uma das vertentes da colonialidade do poder, condiciona a escrita de Carolina Maria de Jesus que não consegue se desvincular das normas estabelecidas pelo sistema. As personagens femininas que sua escrita constrói estão presas a tais normas. Maria Helena se conforma com o casamento com Raul, desistindo de seu sonho de estudar. Ela não protesta e é obediente tal qual a mãe. Rosa, sua filha, após ser rejeitada pela família de Renato, por ser de posição social inferior à dele, casa-se com Joel, mas ele falece e a deixa financeiramente desprotegida e com filhos. Ela também cede ao destino do casamento e da maternidade tal qual a mãe Maria Helena. É Renato que irá protegê-la financeiramente, embora a mãe dela considere a relação dos dois ignóbil para uma mulher decente como a filha, uma vez que Renato ainda se encontra casado com Marina. Maria Emília e Marina, embora sejam vistas como emancipadas, fundando as duas um matriarcado, são presas fáceis do sistema capitalista, manipulando todos ao seu redor no intuito de manter uma condição econômica estável e de poder social, ainda que isso resulte na própria escravização de si por submeter-se, como é o caso de Marina, a um casamento por conveniências sociais e sem amor.

Ao fim destas discussões, concluímos que a escritora, por meio das personagens femininas, subverte em parte o sistema patriarcal, ao apresentar a

fragilidade masculina nas representações de Roberto e Renato, bem como a emancipação feminina nas representações de Maria Emília e Marina. Com isso, a escrita de Carolina Maria de Jesus se apresenta como um modelo de resistência, rompendo com o silêncio imposto a uma escrita feminina. Ademais, a narrativa de Carolina desconstrói práticas universalizadas e eurocêntricas de escrita, exigindo para si o conhecimento e uma experiência de vida que desafiaram o cânone literário dominante de uma escrita romanesca urbanizada, centralizada e embranquecida.

Referências

- Bhabha, K. Homi. *O local da cultura*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- Collins, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, São Paulo, Boitempo, 2019.
- Culler, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- Dantas, Audálio. “A atualidade do mundo de Carolina.” *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, por Carolina Maria de Jesus, São Paulo, Livraria Francisco Alves / Editora Paulo de Azevedo, 1960.
- Dupuis-Déri, Francis. *A crise da masculinidade: Anatomia de um mito persistente*. Edição do Kindle, Edição portuguesa, Editora Blucher, 2018.
- Emídio, Thassia Souza. *Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise*. Livro Eletrônico. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- Eagleton, Terry. *O acontecimento da literatura*. Edição do Kindle, Edição portuguesa, Editora Unesp, 2012.
- Eagleton, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. Tradução de João Azenha Jr., São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- Evaristo, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.” *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*, por Nazilda Martins de Barros Moreira e Liane Achneider, João Pessoa, Idea, 2005.

- Faustino Nkosi, Deivison. "O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo." *Feminismos e masculinidades: Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*, Organização Eva Alterman Blay, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2014.
- Figueiredo, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre, Zouk, 2020.
- Jesus, Carolina Maria de. *O escravo: Romance*. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.
- Levine, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015. 2ª Edição.
- Quijano, Anibal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina." *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*, organizado por Edgardo Lander, Buenos Aires, CLACSO, 2005, pp. 107-130, http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Perspectivas Latinoamericanas, Colección Sur. Acesso: 05 dez. 2025.
- Santiago, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife, Cepe, 2019.
- Soares, Angélica. *Gêneros literários*. 7ª ed. São Paulo, Princípios, 2007.